

RDCONGO

# Violência sexual sobrevive à guerra

Notícias, Compromisso com os factos, 22.05.2021, Pág. 20, Ed. n.º 31. 305

AGÊNCIA LUSA

**MEDO**

A VIOLÊNCIA sexual afecta mulheres solteiras, casadas, grávidas e até os homens em Kasai, no centro da República Democrática do Congo (RD-Congo), apesar da pacificação.

Nesta região rica em diamantes e teoricamente em paz desde meados de 2017, a organização Médicos Sem Fronteiras (MSF) afirma que tratou 1373 vítimas entre Janeiro e Março, o que chama de “situação muito preocupante”.

“Recebemos pacientes que sofreram violência com penetração ou não. As vítimas estão traumatizadas em qualquer caso”, disse à AFP o doutor Kourouma Facely, director da MSF para cuidados médicos e saúde mental das vítimas em Kananga, a capital da província de Kasai central.

Marissa (nome fictício), de 31 anos, afirma que foi violada no fim de Abril por três homens, quando acabava de comprar tomate e pimenta numa localidade a 50 km de Kananga.

“Saíram da selva, armados com catanas. Pediram-me dinheiro e, como eu não tinha, agrediram-me e violaram-me”, conta a esta mãe de cinco filhos num hospital de Kananga, citada pela AFP.

“Tenho medo de que estes homens me tenham infectado com SIDA”, completa a viúva, que perdeu o marido durante o conflito entre as forças de segurança e as milícias Kamuina Nsapu.

Entre Setembro de 2016 e Março de 2017, a região foi cenário de uma explosão da violência entre as forças de segurança e uma milícia co-



FOTO: ONU/MARIE-FRECHON

**Sobreviventes da violência sexual, Kivu Sul, RD Congo**

munitária, após a morte de um líder tradicional, Kamuina Nsapu, vítima de uma operação militar.

Mais de três mil pessoas morreram, 1,5 milhão foram

deslocadas e muitas mulheres violadas.

Quase quatro anos após o fim do conflito, a violência sexual perdura na região, o que desmente a ideia de que as

epicentro da violência sexual no ex-Zaire, uma agressão contra a qual o médico Denis Mukwege, vencedor do prémio Nobel da Paz, luta de maneira incansável.

**PENA DUPLA**

Em Kasai, as milícias e os grupos armados não estão mais presentes, mas os abusos sexuais prosseguem em níveis alarmantes. O conflito parece ter actuado como um catalisador e atraiu a atenção internacional sobre o tema.

“A violência sexual existia mesmo antes do conflito”, afirma uma enfermeira de Kananga, Marthe Tshiela.

Segundo a MSF, a faixa etária mais afectada é de 18-45 anos. Há 3 por cento de homens entre as vítimas. E mesmo grávidas, como Marinette, de 39 anos, mãe de oito filhos, que está a receber tratamento

após ter sido violada por ladrões em casa.

Entre as pessoas que recebem atendimento médico, apenas 40 por cento chegam 72 horas depois da agressão, o prazo para os tratamentos preventivos contra doenças sexualmente transmissíveis.

Profundamente traumatizadas, as vítimas temem a dupla condenação da rejeição social dentro da sua comunidade, da sua família ou do seu parceiro.

“Quase 60 por cento das mulheres vítimas de violação são rejeitadas pelos maridos e têm de assumir o cuidado dos filhos”, relata Marthe Tshiela.

Segundo a enfermeira, às vezes tem recebido casais, com homens que acompanham as esposas durante as consultas psicológicas pós-violação, mas é algo pouco frequente.

**IMPUNIDADE E COMPROMISSOS**

Como acontece noutras regiões da RD Congo, o flagelo da impunidade também pesa sobre as vítimas, das quais apenas 40 por cento recorrem à Justiça.

Quando comparecem aos tribunais, a maioria das vítimas não recebe indemnização, afirma a presidente da ONG Mulheres Unamos Nossas Mãos para o Desenvolvimento de Kasai (FMMDK), Nathalie Kambala.

Os familiares das vítimas “preferem resolver os casos amistosamente para conseguir roupa ou cabras, em detrimento dos menores, porque a Justiça não faz o seu trabalho”, completa.

Kasai é uma das regiões da RD Congo onde 46 por cento das mulheres se casam antes dos 18 anos.